

UM DOS LIVROS DE MAIOR SUCESSO NO CLUBE TAG INÉDITOS

SILAS HOUSE

ELE PERDEU QUASE TUDO...
MAS ENCONTROU A VERDADE.

E AGORA TEM PRESSA PARA CORRIGIR
UMA INJUSTIÇA.

Rumo ao SUL

 FARO
EDITORIAL

SOUTHERNMOST

SILAS HOUSE

RUMO
ao SUL

SOUTHERNMOST

TRADUÇÃO:
ELVIRA SERAPICOS

**FIRST PUBLISHED IN THE UNITED STATES UNDER THE TITLE:
SOUTHERNMOST: A NOVEL**

**COPYRIGHT © 2018 BY SILAS HOUSE
“HONEST MAN,” LYRICS BY JIM JAMES, © 2001 JIM JAMES.**

**PUBLISHED BY ARRANGEMENT WITH ALGONQUIN BOOKS OF CHAPEL
HILL, A DIVISION OF WORKMAN PUBLISHING COMPANY, INC., NEW YORK.**

COPYRIGHT © FARO EDITORIAL, 2019

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida sob quaisquer
meios existentes sem autorização por escrito do editor.

Diretor editorial **PEDRO ALMEIDA**

Preparação **JÚLIA DANTAS**

Revisão **GABRIELA DE AVILA**

Foto de capa **LYN RANDLE | ARCANGEL IMAGES**

Fotos internas **DEPOSITPHOTOS**

Capa e projeto gráfico **OSMANE GARCIA FILHO**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

House, Silas, 1971-

Rumo ao sul: Southernmost / Silas House ; tradução
de Elvira Serapicos. – São Paulo : Faro Editorial, 2018.
272 p.

ISBN 978-85-9581-056-3

Título original: Southernmost

1. Literatura norte-americana I. Título II. Serapicos,
Elvira

18-1639

CDD 813.6

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura norte-americana 813.6



1ª edição brasileira: 2019

Direitos de edição em língua portuguesa, para o Brasil,
adquiridos por FARO EDITORIAL

Avenida Andrômeda, 885 - Sala 310
Alphaville — Barueri — SP — Brasil

CEP: 06473-073

www.faroeditorial.com.br



PARTE 1

VOCÊ, MÃE.

1

A CHUVA TINHA CAÍDO COM UMA CRUELDADE IMPIEDOSA. INCESSANTE durante dois dias, e então a água subiu de repente no meio da noite, com tamanha brutalidade que Asher chegou a pensar que uma barragem havia se rompido em algum ponto rio acima. O solo ficou tão saturado que simplesmente não conseguia mais absorver a água. Os riachos foram se juntando nas colinas até despencarem sobre Cumberland. De nada adiantava ir para a cama porque todos sabiam o que ia acontecer. Só tinham que esperar.

O dia amanheceu sem qualquer sinal do sol — um céu que lamentava a noite escura e se abria para a manhã aborrecida e cinzenta — e Asher saiu para ver o quadro geral da situação. O noticiário não estava dizendo nada que valesse a pena. Ele conseguiu ouvir a torrente antes de chegar à cumeira. Viu o rio caudaloso engolindo as beiradas dos campos mais baixos, três metros acima das margens, um caldo espumante crescendo tão obstinadamente que ele podia realmente ver a água subindo e então compreendeu que precisava buscar Zelda.

Todos eles tinham pensado que não poderia haver nada pior do que a última inundação, mas agora a água havia subido com o dobro da velocidade. Ele manobrou o jipe entre duas pontes cujas bordas estavam sendo acariciadas pelo rio e quando chegou na casa a água já estava alcançando a varanda. Teve que parar no alto da entrada de carro e atravessar com a água gelada na altura da cintura, quase sem conseguir respirar por causa do frio. Zelda estava parada na varanda como se fosse a estátua de uma velha segurando uma pilha de álbuns de fotografias. Foi tudo o que ela pegou.

— Venha! — ele gritou. O rio fazia tanto barulho que ele ficou sem saber se Zelda tinha ouvido, e ela não fez movimento algum para mostrar que ouvira.

Mas então Zelda deu um passo e parou; ele podia ver que ela estava apavorada. Zelda estava naquela mesma varanda quando ele a vira pela

primeira vez. Ela havia se levantado da cadeira para abraçá-lo, segurando-o de um jeito que sua própria mãe jamais havia segurado. Mais uma lembrança: tinham saído para caminhar por Cumberland no dia mais quente do ano. “Você é como um filho para mim”, ela havia dito, segurando a barra do vestido amarelo com uma das mãos para que não se molhasse, e ele percebeu então que essa havia sido uma das principais razões para ter se casado com Lydia: para ter uma mãe, para ter braços em torno dele que lhe mostrassem que era importante.

A lama tragava as pernas de Asher enquanto ele estendia as mãos para ajudar Zelda a sair da varanda. Ele brigou com os pés para não afundar ainda mais. Finalmente, ela estendeu a mão, resignando-se ao silêncio diante do rugido do rio inchado. Ele a puxou e passou o braço em torno de sua cintura enquanto subiam até o ponto onde havia deixado o jipe. Seu corpo estava quente e empapado. Ela escorregou na lama e ele teve que puxá-la e carregá-la em alguns pontos. Uma água amarelada espumava em torno de suas pernas, carregando galhos de árvores, lixo e escombros de todos os tipos. Ele a ajudou a entrar no carro e sentiu suas mãos trêmulas.

A chuva torrencial continuava a cair, batendo no para-brisa com uma violência que ele nunca tinha visto. Jamais enfrentara uma chuva tão forte, nunca, e certamente não por tanto tempo.

Asher sabia que não devia dirigir através da água que estava encobrin-do a primeira ponte, mas eles conseguiram. O carro tossiu na subida da colina, o motor engasgou com a água do rio, mas conseguiu cuspir e se recuperar. Quando chegaram na segunda ponte, ela havia desaparecido sob uma campina que se transformara em um lago. Asher conhecia muito bem o terreno, por isso fez a volta e subiu nos trilhos da linha do trem, por onde atravessaram — com o jipe chacoalhando como se fosse desmanchar e Zelda soltando gritinhos de vez em quando — até chegar à estrada que levava a sua casa. Todo o vale ficara debaixo d’água. De onde estavam, na altura do cume, podiam olhar para baixo e ver tudo com a sensação de que o fim dos tempos havia chegado a Cumberland Valley.

Viram um trailer sendo levado, o telhado de uma casa, uma caminhonete. Vacas debatendo-se na água. “Ó, não, Asher!”, Zelda gritou, como se

Asher pudesse se atirar na água e ajudar os animais a alcançarem terra firme. Mas ambos sabiam que não havia nada a se fazer. Tantas árvores, todas com a folhagem exuberante do final de junho. Galinhas sentadas calmamente no campanário de uma igreja branca. Aparentemente havia sido trazido de algum ponto distante rio acima, pois não lhe parecia familiar; ele conhecia todas as igrejas da vizinhança.

Asher viu as paredes de tijolo de uma casa desabarem e depois o telhado sendo levado Cumberland abaixo, enquanto dois homens observavam, de uma colina próxima. Sabia que a casa havia sido construída recentemente por um músico de Nashville. Ele não havia morado ali mais do que alguns meses, e agora a casa havia desaparecido. Asher continuou dirigindo. Precisava voltar para se certificar de que sua casa estava acima da linha da água, para ver se Justin estava bem.

E lá estava Justin, esperando por eles na varanda. Justin se inclinou sobre o parapeito com os braços cruzados, ainda zangado pelo fato de Asher não ter permitido que fosse junto, sem saber como as estradas estavam perigosas. Tinha oito anos, era pequeno para sua idade, mas parecia um velho nas atitudes e ideias. Assim que estacionaram, Lydia surgiu na porta da frente, como se estivesse olhando pela janela. Ela colocou o braço em torno dos ombros de Justin, mas ele se desvencilhou e saiu correndo ao encontro da avó.

A CASA DELES ERA UMA DAS QUE TINHAM SORTE, SITUADA NA CUMEEIRA, onde a água não conseguia alcançá-los, apesar de o rio ter chegado perto demais para que Asher ficasse tranquilo. A última enchente havia causado muita destruição, mas não os tinha ameaçado. Esta se aproximava cada vez mais e se a chuva continuasse caindo o Cumberland não teria alternativa senão continuar a subir até a água entrar na casa deles. Sua igreja havia sido construída no ponto mais alto daquelas bandas mais de cem anos antes. Mas muitos membros de sua congregação ficariam sem um teto. Só recentemente alguns deles tinham conseguido reconstruir suas casas por causa da última enchente. Ele não tinha a menor ideia de como lidaria com todos os cuidados que eles precisariam receber.

Durante todo o dia Zelda e Lydia assistiram os noticiários inúteis da televisão, enquanto Asher e Justin observavam o rio subir e a chuva cair. Justin não saiu de seu lado.

— Nós vamos ficar bem? — ele perguntou, os olhos verdes fixos nos olhos verdes de Asher.

— Claro, amigão — Asher disse, com a palma da mão pousada sobre a cabeça do filho. — Não se preocupe.

Mas Asher *estava* preocupado.

Pior do que a água que não parava de subir, pior do que o fato de não ter ouvido uma sirene ou de ter visto um helicóptero ou qualquer sinal de ajuda do governo (ele percebeu então que estavam sozinhos, até passar a tempestade; a ajuda oficial sempre chegava *depois* da necessidade), pior do que a luz piscando até acabar de vez, pior do que Lydia sem conseguir fazer outra coisa além de rezar na escuridão do quarto, era o fato de não conseguirem encontrar Roscoe em parte alguma.

Asher ficou parado na porta até Lydia dizer “Amém” e então avisou que sairia de novo para procurar o cachorro. Apesar de estarem no início da tarde, o quarto estava muito escuro; ela não abrira as cortinas. Ele mal conseguia vê-la ajoelhada ao lado da cama. Só quando disse que iria sair é que percebeu que ela havia estendido a mão para ele.

— Por que não vem rezar comigo?

Ele deu um passo no escuro, indeciso. Queria dizer a ela que a fé sem ação é inútil, que Deus não ouve esse tipo de prece. Ele se ajoelhou ao lado dela, sentindo-se um tolo por fazer isso. Ela havia inclinado a cabeça para a frente e agora colocava as palmas das mãos viradas para cima sobre a colcha da cama. Como não reagiu prontamente, ela se virou para ele.

— O que foi? — sussurrou.

Ele entrelaçou seus dedos com os dela e inclinou a cabeça. Ela fez o mesmo, enquanto as palavras trêmulas saíam de seus lábios.

— Senhor, nós vos pedimos que ajude nosso cachorrinho...

De acordo com a tradição, ele também deveria fazer sua própria prece em voz alta, de forma que suas palavras se entrelaçassem criando uma espécie de canto. Mas ele não rezou em voz alta. Manteve a cabeça inclinada, sentindo a mão suada dela na sua, e enquanto ela suplicava a Deus ele só

conseguia pensar *Por favor, por favor, por favor*. Esse era o único tipo de invocação de que era capaz nesse momento.

Imaginou as piores possibilidades: Roscoe sendo levado pela enchente, mexendo as patinhas furiosamente para não se afogar; pior ainda, Roscoe sendo arrastado para algum lugar, afogado, morto. Essa era uma das razões pelas quais as orações haviam se tornado tão difíceis ultimamente — a quietude era um perigo para ele, fazia com que sua mente evocasse os piores cenários e horrores.

Ele ouviu as palavras dela — “Sabemos que o Senhor pode tudo, Pai do Céu, acreditamos que o Senhor sabe tudo e tudo vê” — e queria acreditar que aquilo pudesse ajudar a encontrar o cachorro, mas achava que não. Não mais. A maneira como pensavam em Deus, em oração e em culto era agora tão diferente que se poderia dizer que havia um grande rio entre eles, ainda mais largo por causa da água das enchentes.

Asher manteve-se paciente durante toda a longa oração, mas assim que ela terminou ele soltou a mão e saiu do quarto.

Ficou andando de um lado para outro sob a cobertura da varanda, gritando o nome do cachorrinho, as mãos ao redor da boca para propagar o som. Continuava esperando que Roscoe surgisse correndo pelo quintal, zigzagueando entre as árvores para se exhibir, subindo os degraus e depois passando com o corpo molhado entre suas pernas, pulando para lambe Justin na boca, mas ele não apareceu.

— Ele deve ter desviado do caminho por causa da água — Asher disse para Justin. Os dois sabiam que Roscoe adorava ir atrás dos cardumes no rio todas as manhãs, com ou sem chuva. Asher se viu mentindo para o filho novamente, algo que havia prometido que nunca faria. — Ele é esperto. Vai encontrar o caminho de volta.

Justin voltou o olhar para o quintal encharcado. Apertou os olhos para tentar enxergar através da chuva, à procura de seu cachorro.

A CASA ESTAVA MUITO QUENTE. ELES ABRIRAM TODAS AS JANELAS, MAS POUCA coisa mudou em relação ao calor além de aumentar a umidade. Zelda e Lydia prepararam o jantar no fogão a gás. Elas usaram tudo o que podiam

do congelador, pois as coisas iriam derreter e estragar de qualquer forma. Os adultos serviram-se de costeletas de porco e milho frito, remexendo a comida no prato com os garfos, pegando as fatias de pão só para colocá-las de volta, intactas. Apenas Justin conseguiu comer.

Após o jantar, Asher postou-se diante da janela e ficou observando a chuva bater contra o vidro enquanto nuvens cinza-esverdeadas assomavam ameaçadoramente. Lydia surgiu atrás dele de repente e colocou a mão em seu braço, fazendo com que ele se afastasse instintivamente.

— Por que você não rezou em voz alta comigo? — ela perguntou, calmamente. — Por Roscoe.

— Fiz a oração do meu jeito, Lydia.

— Mas você não rezou comigo — ela disse. — Vocês todos me excluem. Me afastam. Você, até meu menino, minha própria mãe. — Sua testa estava marcada pela tristeza. — Parece que estou completamente sozinha neste mundo.

— Sinto muito que se sinta assim — ele disse, e depois de algum tempo ela desapareceu nas sombras.

ASHER VOLTOU A SAIR PARA AJUDAR OS VIZINHOS MAIS PRÓXIMOS, MAS não havia muito o que fazer além de observar suas vidas flutuando ou rezar para que suas casas fossem poupadas. *Esta foi demais*, eles diziam. *Como um julgamento*. Eles se juntaram nas montanhas enquanto a noite caía, densa e escura. Não havia eletricidade até onde a vista alcançava; uma escuridão total, como Asher nunca tinha visto. Ele começou a pensar nos dois homens que havia visto mais cedo e se sentiu culpado por não ter oferecido carona a eles enquanto algumas das estradas ainda estavam transitáveis. Agora, ninguém poderia ir a lugar algum.

De volta a casa, ficaram todos sentados na sala sem falar muito. Não havia o que dizer. Justin de vez em quando pegava no sono, encostado em Asher no sofá, mas despertava com qualquer barulho e às vezes por seus próprios sonhos.

Por volta da meia-noite caía apenas uma chuva fina e então, de repente, finalmente parou de chover, como se alguém tivesse estalado os dedos,

e a calmaria noturna pareceu ainda mais ameaçadora do que a tempestade. Agora podiam ouvir o rugido do rio, carregando árvores, casas e animais. Eles poderiam ter ouvido os gritos dos bezerros ou os relinchos apavorados dos cavalos, mas o barulho provocado por toda espécie de entulho era alto demais, uma cacofonia de perdas. Eles ainda não sabiam, mas a enchente havia matado mais de quarenta pessoas e, quando as águas começassem a baixar, os corpos surgiriam no alto das árvores, presos dentro das casas ou nas margens do rio Cumberland.

Quando a noite já cobria todo o mundo, Justin ficou aborrecido e não conseguiu voltar a dormir depois de ter sido acordado por uma trovoadá intensa, quase um arrebatamento.

— Não aguento mais — ele disse, com os olhos marejados, esforçando-se para conter as lágrimas. — Ele está perdido lá fora.

Às vezes Asher se preocupava com o fato de o garoto conseguir se dar melhor com animais do que com outras pessoas. Outras vezes concluía que isso não seria tão ruim. Se havia algo que aprendera na vida, até então, era que os cães com frequência se mostravam mais amigos do que os homens.

— Está tudo bem, amigão — Asher sussurrou junto da testa de Justin, dando-lhe tapinhas nas costas. — Ele vai voltar pra casa.

Enquanto continuasse dizendo a Justin que estava tudo bem, tudo estaria bem. Ele sentia que suas certezas talvez fossem a única coisa capaz de manter o mundo em pé naquele momento.

— Agora pare de chorar, querido — Lydia falou repentinamente, a voz firme e rígida na escuridão da sala. Seu rosto iluminado apenas pela luz das velas. — Meninos não choram tanto desse jeito.

Asher dirigiu-lhe um olhar de aviso para que não dissesse mais nada. Por que o menino não podia expressar sua dor por causa do cachorro? Zeldá olhou para Asher e depois para a filha, indicando que aquela não era noite para discussões.

Lydia suavizou o tom da voz.

— Tenho medo de que o mundo o coma vivo se ele não endurecer.

Asher se levantou e saiu com o filho para a varanda.

Eles ficaram ali parados, ouvindo os sons e gemidos do rio inchado. Não havia luz em parte alguma. Apenas as convulsões ameaçadoras dos

raios, bem longe dali, perto de Nashville. Asher olhou para cima. As nuvens haviam se afastado e, sem energia elétrica, ele se deparou com uma profusão de estrelas que mais pareciam nuvens de prata brilhando no céu.

— Veja, Justin. Veja quantas estrelas.

— Deus — Justin sussurrou.

E então ele se foi.

**ASSINE NOSSA NEWSLETTER E RECEBA
INFORMAÇÕES DE TODOS OS LANÇAMENTOS**

www.faroeditorial.com.br



Há um grande número de pessoas vivendo com HIV e hepatites virais que não se trata. Gratuito e sigiloso, fazer o teste de HIV e hepatite é mais rápido do que ler um livro.

FAÇA O TESTE. NÃO FIQUE NA DÚVIDA!



ESTA OBRA FOI IMPRESSA PELA
GRÁFICA KUNST EM DEZEMBRO DE 2018